

O Ser Homem e o Ser Mulher no Blog Testosterona¹

Talita Cenci de MORAES²
Universidade Federal de Santa Maria

RESUMO

Cada cultura e época apropriam-se dos significados de sexo e gênero de forma diferente. Assim, as disparidades entre os gêneros não são naturais aos seus corpos sexuados, mas obedecem a padrões que foram construídos ao longo da história e cultura da sociedade. As características do gênero representam não somente o que se relaciona à sexualidade, mas tudo aquilo que concerne à socialização. Não é apenas função social da mulher ser feminina e servil, mas também do homem portar-se como um ser viril. Este artigo buscou analisar a vivência da masculinidade e a representação do feminino na cultura cibernética do Brasil, utilizando o blog Testosterona como referência, sob a perspectiva da semiótica e da análise do discurso. No blog, o homem é tido como heterossexual, dominador, objeto de disputa entre as mulheres, as quais devem ocupar-se de satisfazer sexualmente seu parceiro.

PALAVRAS-CHAVE: blog; cibercultura; comunicação; gênero; internet.

INTRODUÇÃO

De acordo com o feminismo, a identidade da mulher e do homem provém de sua base social e cultural, adquirida através da socialização. O movimento feminista recusa-se a utilizar palavras que possam ter conotação de determinação biológica de gênero, buscando o destacar que as determinações nada mais são do que padrões construídos socialmente do que é mulher e feminino, homem e masculino. O mesmo movimento procura, ainda, desconstruir a maneira banalizada de tratar a sexualidade do sujeito, categorizando sexo e gênero como conceitos diferentes – o primeiro tratando do aspecto fisiológico do sujeito e o segundo, considerado sociocultural.

¹ Trabalho apresentado no DT 5 – Rádio, TV e Internet do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Estudante de graduação. 7º. semestre de Comunicação Social habilitação Jornalismo, Universidade Federal de Santa Maria, campus de Frederico Westphalen. Email: talitinhacenci@hotmail.com.

Dessa forma, entende-se que as funções de cada gênero são construções sociais que acontecem desde a infância do sujeito, mas que podem ser reorientadas através das várias formas de socialização por que os sujeitos se submetem ou são submetidos durante a vida. De acordo com a Teoria Queer, expressão cunhada no começo dos anos 1990 por Teresa de Laurentis e que tem como uma das precursoras de pesquisa Judith Butler, identidade de gênero é o produto de processos de identificação que o sujeito sofre durante a socialização. Butler (2002) adiciona à teoria queer a teoria da performatividade. “O gênero é performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero. Neste regime os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva.” (BUTLER, 2002) Simplificando, a teoria da performatividade considera que a ritualização das normas e sua constante repetição forma a identidade do sujeito.

Pretende-se, portanto, entender as várias maneiras de representação e desempenho dos papéis de gênero expostas no blog “Testosterona: o blog do macho moderno”, compreendendo a elaboração da masculinidade e a representação do feminino por meio das postagens desse blog, bem como buscando entender a socialização através da cibercultura nesta plataforma virtual.

No ar desde junho de 2008, o blog Testosterona mantém uma média diária de mais de cem mil acessos e seus visitantes geralmente deixam comentários nas postagens. Além do conteúdo em formato jornalístico, com temas que abordam principalmente a sexualidade, a vasta maioria tem relação com a vida cotidiana e sexual masculina. A vida sexual feminina é abordada apenas no que concerne à realização do desejo do homem. Esse binarismo é explicado por Giffin (1994):

Aplicado à construção dos gêneros, o dualismo afirma, em primeiro plano, que o homem é ativo e a mulher, passiva. Aplicado à construção da sexualidade, ele funde a identidade de gênero e a identidade sexual (ser homem é praticar sexo com mulheres, e vice-versa), resultando na hegemonia heterossexual, baseada em dois tipos de seres: homens sexualmente ativos e mulheres sexualmente passivas. Aqui, um confronto entre opostos é a base da sexualidade: o homem vai fazer e à mulher será feita. (GIFFIN, 1994, p. 151)

De acordo com Butler (1990), uma relação causal é estabelecida entre sexo, gênero e desejo por meio da reprodução persistente da conexão entre heterossexualidade e gênero.

Louro (1999) reforça que a heteronormatividade predominante no blog Testosterona é algo comum da sociedade atual. Segundo a autora,

Aqui, uma forma de sexualidade é generalizada e naturalizada e funciona como referência para todo o campo e para todos os sujeitos. A heterossexualidade é concebida como "natural" e também como universal e normal. Aparentemente supõe-se que todos os sujeitos tenham uma inclinação inata para eleger como objeto de seu desejo, como parceiro de seus afetos e de seus jogos sexuais alguém do sexo oposto. (LOURO, 1999, p. 13)

O blog Testosterona, fundado em junho de 2008, se encontra atualmente no portal do R7 e é descrito pelo administrador como “um blog de caráter humorístico. É uma criação da mente perturbada de Eduardo Mendes, um rapaz que acredita que toda mulher é uma rainha e a cozinha o seu castelo”.³

Além de seu caráter humorístico e satírico, o blog transmite significados e construções sociais relacionados às relações de gênero presentes na vida cotidiana, e proporciona uma socialização através da manutenção/formação da masculinidade. Esse blog se divide em postagens temáticas (Notícias, Vídeos, Imagens, Tirinhas de Macho, Listas, entre outras), todas acerca da vida sexual do homem heterossexual.

Para compreender o Testosterona, é necessário enxergá-lo não apenas como uma plataforma, mas sim como uma rede social; mesmo sendo um blog, as postagens são muito discutidas nos comentários, transmitidos via rede social Facebook. Ou seja, existem dois âmbitos desse ciberespaço: o âmbito de criação e reprodução de conteúdos e o de interação social através das postagens. Segundo Cardozo (2009),

As redes sociais são exatamente as relações entre os indivíduos na comunicação mediada por computador. O primeiro fundamento de uma rede social é o ator que, na rede social, representa um indivíduo. Em seguida, o fator essencial de toda rede é ideia de laço, que corresponde à conexão entre os atores. Esses sistemas funcionam através da interação social, buscando conectar pessoas e proporcionar sua comunicação, de modo que podem ser utilizados para forjar laços sociais. (CARDOZO, 2009, p. 28)

³ Descrição localizada no rodapé do blog Testosterona. < <http://www.testosterona.blog.br/>>

De acordo com dados do próprio blog, o Testosterona conta com mais de 137 mil acessos diários.⁴

Apesar de ser uma comunidade virtual, é preciso entender o blog como algo além de um espaço de interação online. Como a sociedade moderna é amplamente inserida no contexto virtual, a significação que lá acontece é trazida para o plano real. Dessa forma, os significados associados à imagem da mulher estão inseridos em padrões representativos expressos em uma ampla diversidade de imagens que passam pela moda, fotografia, pornografia, literatura e pintura. Segundo Myers (1987), em suas várias apresentações, esse contexto imagético apresenta o corpo feminino como “um objeto estético para ser vigiado e possuído, com a sua capacidade de excitação sexual” (MYERS, 1987).

Esse simbolismo do que é masculino e/ou feminino foi criado na infância. De acordo com Giffin (1994),

Uma das teorias mais influentes deste processo é elaborada por Chodorow (1978), que argumenta que as meninas desenvolvem sua identidade de gênero no contexto da identificação com a mãe, numa relação continuada com ela. Os meninos, por outro lado, devem se separar da mãe e das qualidades femininas para estabelecerem sua identidade masculina. (...) A pressão cultural sobre o homem, no sentido de reprimir as qualidades consideradas femininas (menos valorizadas, de qualquer maneira), resulta numa necessidade de negar o seu lado emocional. (GIFFIN, 1994, p. 152)

Tal simbolismo é constantemente reafirmado por meio da socialização, uma vez que é constante ver as novelas mostrarem casais lésbicos, mas pregarem a heteronormatividade; clipes musicais onde é engrandecido o poder feminino (*girl power*, na expressão em inglês), mas que erotizam a imagem feminina desde a dança até as roupas; e periódicos que têm as mulheres como público-alvo, mas que deterioram a imagem dessas com sobrepeso ao publicarem diversos tipos de dietas.

Levando esses pontos em consideração, o presente artigo busca elucidar, à luz da comparação entre denotação e conotação, a presença de pré-conceitos no blog Testosterona, utilizando a análise de discurso de um quadrinho apresentado no site.

⁴ <http://www.testosterona.blog.br/sobre/>

IMAGÉTICA DE GÊNERO NA CULTURA VIRTUAL

As distinções entre os homens e as mulheres, no que concerne à natureza de ambos, são cultural e historicamente compostas, advindas de disposições sociais que estabelecem um comportamento ideal para cada sexo, de acordo com Mead (1935). Por mais que haja diferenças biológicas (anatômicas e hormonais) entre os sexos, segundo Holmes (2009), o gênero nada mais é do que uma adaptação social do sujeito a uma função culturalmente determinada. Essas diferenciações, no entanto, nem sempre são positivas. Como enfatiza Amorim (2011),

A beleza, elegância, sensualidade são características atribuídas culturalmente à mulher, ao homem basta a inteligência. Até mesmo na língua portuguesa tem-se inferiorizada a condição feminina, pois a forma de generalização para os dois sexos é masculina. (AMORIM, 2011, p. 2)

O gênero está centrado, de acordo com Torrão Filho (2005), em uma solidificação do discurso que constitui uma identidade do feminino e do masculino, desenhando a barreira entre o ser homem e o ser mulher. Desse modo, as diferenças entre ambos, enquanto baseadas puramente no sexo, nada mais são do que construções sociais, que dão base para o discurso de que sexo é um elemento distintivo.

Essa construção é explícita no Testosterona: o homem é elevado ao extremo da virilidade ocidental, estereotipado como conquistador, apreciador de cerveja, jogos de carta, esportes e mulheres bonitas (nas fotos do blog, quase sempre seminuas). A mulher é concebida pelo autor do blog como a “rainha da cozinha”, sempre submissa e disposta a satisfazer os desejos masculinos, desprovida de opinião própria e ridicularizada ao mero sinal de independência. A imagem da mulher tem importância particular pelo fato de que a perfeição visual é uma característica bastante associada ao feminino. A aparência da mulher, segundo Tseïlon (1995), é constantemente vigiada e não somente define o *status quo* da mulher, como também exerce influência sobre o que a própria mulher pensa de si. O olhar masculino sobre a imagem da mulher contribui crucialmente para a autoconsciência e autoapresentação do eu visual feminino.

“Assim, a mulher transforma-se a si própria em objeto – e muito especialmente num objeto visual: uma visão” (BERGER, 1972). Sua imagem, na grande maioria das vezes

sexualizada, é utilizada para vender de cerveja a carros, de filmes adultos a roupas. Entretanto, para Tseëlon (apud RIBEIRO, 2011), há um paradoxo da existência da mulher: ela é fisicamente visível, mas socialmente invisível e se constitui como objeto do olhar e espetáculo visual.

Nesse sentido, no Testosterona, a definição dos conceitos de “mulher” e “homem” não limita-se a um item específico do que é ser um dos dois, mas numa complexa teia de significados (SCOTT apud TORRÃO FILHO, 2005), que afeta todos os níveis de comportamento, seja no modo de vestir-se, de sentir, de falar ou de viver. Scott ainda acredita que o gênero é algo que concede significação às distinções biológicas, tornando homens e mulheres, machos e fêmeas seres sociais. Louro (1999) pontua que

Os corpos são significados pela cultura e, continuamente, por ela alterados. Talvez devêssemos nos perguntar, antes de tudo, como determinada característica passou a ser reconhecida (passou a ser significada) como uma "marca" definidora da identidade; perguntar, também, quais os significados que, nesse momento e nessa cultura, estão sendo atribuídos a tal marca ou a tal aparência. Pode ocorrer, além disso, que os desejos e as necessidades que alguém experimenta estejam em discordância com a aparência de seu corpo. (LOURO, 1999, p. 11)

Ainda segundo a pesquisadora, o que é desconhecido amedronta o sujeito – no caso, identificar-se com outra identidade de gênero além da biológica – e, por isso, o sujeito tenta fixar-se a uma identidade, ritualizando a reafirmação do que é e historicamente sempre foi. O sujeito sente a necessidade de fundamentar suas ações e, dessa forma, construir sua “história de vida”. Para Weeks (1995), é nesse ponto que o corpo torna-se essencial, uma vez que

Num mundo de fluxo aparentemente constante, onde os pontos fixos estão se movendo ou se dissolvendo, seguramos o que nos parece mais tangível, a verdade de nossas necessidades e desejos corporais. (...) O corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar. Por que outra razão estamos tão preocupados em saber se os desejos sexuais, sejam hetero ou homossexuais, são inatos ou adquiridos? Por que outra razão estamos tão preocupados em saber se o comportamento generificado corresponde aos atributos físicos? Apenas porque tudo o mais é tão incerto que precisamos do julgamento que, aparentemente, nossos corpos pronunciam. (WEEKS, 1995, p. 90-91)

Bourdieu (2010) também reconhece o temor que o homem sente pelo lado feminino das coisas e, devido a isso, busca uma constante reafirmação de sua virilidade e seu poder

perante a sociedade como um todo, a mulher e a si mesmo. Desse modo, “a virilidade é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo”. (BOURDIEU, 2010)

Conforme Barreto (2011), a socialização de gênero ocorre de maneira coercitiva e simbólica, por meio de sanções positivas e negativas através da família, da escola e, principalmente, da mídia. Tais sanções fazem com que o sujeito assimile o papel que lhe é esperado socialmente, de acordo com sua anatomia sexual; o que é certo ou errado para o homem, o que é certo ou errado para a mulher, padronizando os comportamentos considerados adequados para cada um.

A socialização, entretanto, não é de todo imposta socialmente, mas sim acontece de forma recíproca: a sociedade oferece possibilidades de escolhas e o sujeito adota-as na construção simbólica de si mesmo e de si como parte da coletividade. A socialização de gênero nunca tem fim, visto que o ser humano tem a capacidade de moldar-se constantemente, a não ser quando o sujeito vem a óbito.

Dessa forma, o entendimento de socialização, para Simmel (apud GRIGOROWITSCHS, 2005), é que

(...) qualquer forma de interação entre seres humanos deve ser considerada uma forma de socialização. Nesse sentido, em Simmel, o ser humano como um todo é visto como um complexo de conteúdos, forças e possibilidades sem forma; com base nas suas motivações e interações do seu “estar-no-mundo mutante”, modela a si mesmo como uma forma diferenciada e com fronteiras definidas (...) e, ao mesmo tempo, socializa-se. (GRIGOROWITSCHS, 2005, p. 36)

Em meio às práticas mais relevantes no tocante aos gêneros, sobressai a utilização da linguagem visual e a sua função da reafirmação ou contestação da relação de poder entre homem versus mulher. As representações visuais (fotografias ou desenhos) são compreendidas como ferramentas de poder, expressando discursos que enfatizam e suportam a hierarquia e a disparidade dos gêneros.

A mulher é tradicionalmente associada à feminilidade e esta tida como característica essencial para que a mulher seja considerada bela e atraente. Atributos físicos como magreza, corpo curvilíneo e bronzeado também são frequentemente tidos como a “preferência nacional” do Brasil. A imagética feminina na cultura virtual (assim como na mídia no geral) é

construída a partir do imaginário masculino. E é sob a ótica dos homens que, então, as próprias mulheres passam a se ver. Conforme afirma Perrot (2007),

Para elas, a imagem é, antes de mais nada, uma tirania, porque as põe em confronto com um ideal físico ou de indumentária ao qual devem se conformar. Mas também é uma celebração, fonte possível de prazeres, de jogos sutis. Um mundo a conquistar pelo exercício da arte. (PERROT, 2007, p. 25)

ANÁLISE DO DISCURSO ATRAVÉS DE DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

As primeiras definições do conceito de conotação são de Hjelmslev (1953), que o inseriu no debate linguístico ao fazer alusão à possibilidade de todo signo agregar novos significados (conotativo) ao sentido inicial (denotativo).

Já Barthes (1964) trabalhou no campo semiológico com a ideia de várias camadas de significação (níveis de sentido): a primeira camada é a denotação (um signo constituído de significante + significado); a segunda é a conotação (utiliza-se o signo – que é significante + significado – como significante, ao qual pode ser adicionados novos significados).

Barthes (2009), ao estudar a mensagem fotográfica, compreende que todas as formas de mensagens são codificadas e possuem pelo menos dois sentidos, sendo um desses significados um produto cultural da sociedade ou do indivíduo.

Existirão outras mensagens sem código? À primeira vista, sim: são precisamente todas as reproduções analógicas da realidade: desenhos, quadros, cinema, teatro. Mas, de fato, cada uma dessas mensagens desenvolve de maneira imediata e evidente, além do próprio conteúdo analógico (cena, objeto, paisagem), uma mensagem suplementar, que é o que se chama comumente o *estilo* da reprodução; trata-se pois de um segundo sentido, de que o significante é um certo "tratamento" da imagem sob a ação do criador, e cujo significado, quer estético, quer ideológico, remete a uma certa cultura da sociedade que recebe a mensagem. Em suma, todas essas "artes" imitativas comportam duas mensagens: uma mensagem *denotada*, que é o próprio *analogon*, e uma mensagem *conotada*, que é a maneira como a sociedade dá a ler, em certa medida, o que ela pensa. (BARTHES, 2009, p. 13, grifos deles)

Tal teoria compreende, então, que há dois sistemas de signos que têm relação entre si. Entretanto, a mesma teoria não considera a origem cultural da conotação – as formas como a comunidade linguística faz uso dos signos é que lhes agregam significados. Para Greimas (1975),

(...) a hipótese pela qual o mundo natural se deixa tratar como um objeto semiótico: os signos naturais, devido à existência de uma relação semiótica, e quaisquer que sejam as suas articulações, têm estatuto de signos. Esta abordagem, por outro lado, nada nos ensina sobre a natureza e organização interna dos signos: dependendo de uma interpretação da relação semiótica, que é uma variável, é uma reflexão metasemiótica sobre os signos, uma conotação semiótica, que transforma de diferentes maneiras os signos naturais em signos culturais. (GREIMAS, 1975, p. 51)

A diferença entre denotação e conotação, de acordo com Ceia (2007), também é clarificada com o binômio sentido literal/sentido figurado. Este último é apenas uma maneira como a conotação pode ser utilizada, ou seja, todas as aplicações de estilo de linguagem seriam, por assim dizer, conotações diferentes de um mesmo signo.

AS REPRESENTAÇÕES MASCULINA E FEMININA NO BLOG TESTOSTERONA



FIGURA 01 – CHARGE “4 FASES DE UM CASAMENTO”
FONTE: BLOG TESTOSTERONA (2014)

Na charge publicada em 14 de agosto de 2014, pode-se reconhecer o conceito de masculinidade defendido pelo Testosterona, onde o homem reconhece na mulher apenas um objeto destinado a sua satisfação sexual. Tal entendimento de liberdade sexual masculina está

muito presente na sociedade moderna ocidental, que compreende o “macho” como tendo apetite sexual irrefreável.

A representação da mulher (pois são traços desenhados que remetem a uma mulher) varia conforme o quadrinho evolui: no primeiro momento, ela é a representação mulher “ideal” – esbelta, bem arrumada, sensual e servil. A representação do homem (pois são traços desenhados que remetem a um homem) a olha com expressão de satisfação e malícia (conotada pelo arquear das sobrancelhas, que inferem esse significado por uma convenção social), de desejo e domínio.

No segundo quadrinho, nota-se que os traços alargaram-se, ganhando contornos maiores: a mulher engordou. O homem já não se mostra tão satisfeito quanto antes: suas sobrancelhas abaixaram-se, o contorno de sua boca alinhou-se, mas a expressão ainda é de contentamento e aceitação.

Já no terceiro quadrinho, a mulher mostra sinais de barriga mais proeminente, fugindo do padrão imagético que é considerado ideal pela sociedade. A expressão do homem é de desagrado e tristeza.

Finalmente, no quarto quadrinho, há somente a representação de uma mulher com sobrepeso, ocupada com as tarefas domésticas, e nenhuma representação de homem. Com a ausência dessa representação na cena retratada pelo quadrinista, pode-se assumir que ele abandonou a mulher porque essa não mais atendia ao padrão de beleza que a sua masculinidade mereceria como acontecia no primeiro quadrinho.

Dois pontos são interessantes de serem observados no quadrinho. Primeiramente, o quadrinista considera que o tempo não passa para o homem casado. Ele continua com os mesmos traços, com a mesma aparência que estava no primeiro quadrinho, que simboliza o começo do casamento. Essa ideia de imutabilidade significa que, para o homem, não importa quanto tempo passe, ele sempre terá a habilidade de sair de um casamento infeliz para ele e encontrar uma mulher que lhe satisfaça sexualmente, uma mulher como a que está representada no primeiro quadrinho.

O segundo ponto a ser observado, com relação ao primeiro, é que a mulher não é representada com um rosto. Somente seu corpo seminu está expresso nos quadrinhos, realizando uma atividade doméstica corriqueira (lavar as louças). Isso vai de encontro com a filosofia defendida pelo autor do blog, que considera que “toda mulher é uma rainha e a

cozinha é o seu castelo”⁵. A ausência de traços que formam o rosto da mulher indica que, para o “macho” que é constantemente validado e reafirmado na preferência discursiva do blog, qualquer mulher pode fazer esse papel de esposa, dona de casa e objeto sexual, ou seja, qualquer mulher, para esse homem, serve.

A coisificação da mulher torna-a oca, desprovida de identidade própria, completamente dependente do que o seu “macho” está pensando dela no momento. A mulher sem rosto não tem personalidade própria, não tem pensamentos próprios – e, sem conhecermos seu rosto, é impossível dizer o que ela estava pensando de si e do marido durante o período de casamento relatado nos quadrinhos.

No blog Testosterona, fica claro que o corpo é indissociável de sua forma sexuada, o que abre caminho para um ponto crucial do estudo dos gêneros: o corpo como fator determinante na relação entre os mesmos. Holmes (2009) já diz que

(...) agora se pensa que uma distinção muito exata entre sexo, como biológico, e gênero, como social, tem algumas limitações, e que os corpos precisam ser parte da análise de gênero. A maneira como nós entendemos e organizamos a vida cotidiana em torno de diferenças entre mulheres e homens desenha o entendimento específico sobre corpos sexuados (macho e fêmea) e produz corpos dotados de gênero (masculino e feminino). (HOLMES, 2009, p. 18, tradução minha.)⁶

Na relação expressa nos quadrinhos, pode-se ver claramente a influência que o corpo feminino é o único objeto determinante no sucesso da relação: enquanto a mulher estava magra e curvilínea, ostentando roupas de baixo sensuais e estando atraente como um todo (mesmo sem identidade, sem personalidade), o casamento andava bem, o homem estava satisfeito. À medida que a mulher alarga-se, ganha peso e suas roupas mudam, apesar de sua atitude continuar idêntica, o marido começa a desprezá-la pela mesma estar mais gorda. A vida sexual masculina é o único fator relevante na tomada de decisão do homem, no caso, desaparecer no último quadrinho, sinal que ele abandonou a esposa e a relação.

⁵ Descrição localizada no rodapé do blog Testosterona. <<http://www.testosterona.blog.br/>>

⁶ Do original: “(...) it is now thought that too sharp a distinction between sex as biological and gender as social has limitations, and that bodies need to be part of understanding gender. The way in which we understand and organize everyday life around differences between women and men both draws on particular understandings about sexed (male and female) bodies and produces gendered (masculine and feminine) bodies.”

Disponível em: <https://studiidegen.files.wordpress.com/2009/03/c2_sexed-bodies_gender-and-everyday-life.pdf>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe, no blog Testosterona, uma classificação do sexo como gênero, propondo que este seja biológica e naturalmente adquirido; também, é pregada a heterossexualidade como norma, como predisposição natural da sexualidade humana e qualquer desvio desse comportamento normatizado é considerado errôneo. Contudo, conforme Butler (1990), a construção da identidade de gênero dá-se gradativamente na história e na sociedade de forma simbólica através da assimilação de determinados comportamentos (como os movimentos, a gesticulação e o estilo), caracterizando o poder.

Desse modo, há uma banalização das discrepâncias sociais entre os gêneros e uma sexualização do comportamento, ou seja, são atribuídas qualidades de heterossexualidade ao “macho” se este se comporta de forma agressiva, dominadora em relação à “fêmea”, caricata como dócil, submissa e erotizada à forma que mais agrade ao seu senhor. Essa sexualização dos papéis é padronizada e abordada como o *default* de todo o conteúdo blog Testosterona, seja este informativo/jornalístico, opinativo ou humorístico.

Sendo assim, o cotidiano é vivenciado através da concepção do que é “ser macho” ou masculino e do que é “ser fêmea” ou feminina. É impossível compreender um na ausência do outro; não por serem necessariamente contrários, mas porque, segundo Rego (2011), “o que a mulher é simbolicamente para o homem (e vice-versa) representa o que o próprio homem/mulher é simbolicamente, para si mesmo e para a coletividade” (REGO, 2011).

Segundo os valores adotados pelo blog Testosterona, “ser macho” significa aderir a um comportamento de dominação e entendimento que seu desejo sexual é central na vida da mulher que, por sua vez, entende que “ser fêmea” significa acatar a dominação do macho e entender que seu papel social é de ser inferior e serva dele. Até mesmo a escolha do nome do blog – Testosterona – denota a não separação do corpo e do sexo, visto que o hormônio de mesmo nome é encontrado em maior quantidade nos corpos biologicamente masculinos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Linamar Teixeira de. **Gênero: uma construção do movimento feminista?**. Universidade Estadual de Londrina, 2011.

BARTHES, Roland. **Ensaio Críticos**. Lisboa: Edições 70, 1964.

_____. **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BERGER, John. **Ways of Seeing**. Londres: Penguin, 1972.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BUTLER, Judith. **Criticamente subversiva**. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. Sexualidades transgressoras. Una antología de estudios queer. Barcelona: Icária editorial, 2002.

_____. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. Londres: Routledge, 1990.

CARDOZO, Missila Loures. Twitter: microblog e rede social. **Caderno.Com**. São Caetano do Sul, v. 4, n. 9, 2º semestre de 2009.

CEIA, Carlos. **Conotação e Denotação**. Mundo Vestibular. Disponível em: <<http://www.mundovestibular.com.br/articles/34/2/CONOTACAO-E-DENOTACAO/Paacutegina2.html>>. Acesso em: 26 junho 2015.

GIFFIN, Karen. **Violência de gênero, sexualidade e saúde**. Cadernos de Saúde Pública, 1994.

GREIMAS, Algirdas Julius. **Sobre o sentido: ensaios semióticos**. Petrópolis: Vozes, 1975.

GRIGOROWITSCHS, Tamara. O conceito “socialização” caiu em desuso? Uma análise dos processos de socialização na infância com base em Georg Simmel e George H. Mead. **Educ. Soc**, Campinas, v. 29, n. 102, janeiro-abril, 2008.

HJELMSLEV, Louis Trolle. **Prolegomena to a Theory of Language**. Copenhagen: Munksgaard, 1953.

HOLMES, Mary. **Sexed Bodies?** In: Gender and Everyday life. New York, USA; Toronto, Canada: Routledge, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MYERS, Kathy. **Fashion 'n' Passion**. Londres: Pandora, 1987.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

REGO, Francisco Cleiton Vieira Silva do. **O “Ser Macho” Em Testosterona.Blog.Br**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.

RIBEIRO, Silvana Mota. **Do outro lado do espelho: imagens e discursos de gênero nos anúncios das revistas femininas: uma abordagem socio-semiótica visual feminista**. 683 f. Tese de doutoramento em Ciências da Comunicação – Universidade do Minho, Braga, 2011.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para a análise histórica. S/d. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html>. Acesso em: 25 junho 2015.

TESTOSTERONA. **O blog do macho moderno**. Disponível em: <<http://www.testosterona.blog.br/>>. Acesso em: 13 agosto 2015.

TSEËLON, Efrat. **The Masque of Femininity**. Londres: Sage, 1995.

TORRÃO FILHO, Amilcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cad. Pagu**, v. 24, janeiro-junho de 2005.

WEEKS, Jeffrey. **Invented moralities: sexual values in an age of uncertainty**. Nova York: Columbia University Press, 1995.